

Resenha

KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação*, 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007, 112p. (Coletânea: Repensando a História). ISBN: 978-85-7244-177-3.

A formação americana comparativamente

*Fábio Py Murta de Almeida**

O livro *Estados Unidos: a formação da nação*, do doutor Leandro Karnal, professor adjunto de História da América da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) é indicado aos cursos introdutórios de História dos Estados Unidos, História da América e História Contemporânea. O texto tem forma agradável e objetiva, mérito do autor que onera anos de atividade profissional dedicada à análise da História da América e do Brasil. Uma opção metodológica provisória, o professor Leandro Karnal apresenta a História dos EUA pelo parâmetro da História Cultural e de percepções do imaginário simbólico nos grupamentos sociais (Chartier, 1990, p. 45-67). No início do livro, repercutem os EUA como nação hegemônica frente aos demais países que espalham comentários de estranheza frente à sua dominação. Isso é observado quando em qualquer protesto nacionalista nas nações se coloca à vista suas bandeiras queimadas. Outra forma de estranheza é de serem taxados de imperialistas na América Latina, ridicularizados como caipiras na Europa, ou, até mesmo, quando a Coca-Cola (seu produto símbolo) tem uma parcela de recusa mundial.

O texto está dividido em cinco partes que administram dados sobre a formação e a independência americana. Os capítulos focam a reconstrução das identidades americanas. Fazem isso nas primeiras páginas apontando detalhes que, alçando a metodologia comparativa, tocam na questão do desenvolvimento americano frente ao brasileiro. Quando fala disso, desqualifica a interpretação ensaiada no Ensino Médio, quando considera que o tipo de colônia que fora o Brasil não deveria ser “colônia de exploração”, já que a maioria dos portugueses

* Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Docente da Faculdade Batista do Rio de Janeiro. E-mail: pymurta@gmail.com

que vieram para cá viveu em nossas terras. Para tratar diretamente da colonização americana, Karnal se situa no processo de formação do estado moderno inglês. Ele, que se iniciara na fortificação do reinado a partir de extensas guerras, da política dos cercamentos, de uma reforma religiosa e da existência de diferentes expressões religiosas. No complicado processo de composição do estado moderno inglês se possibilitou a ida de colonos em direção à Nova Inglaterra. Fatores como a pobreza e a perseguição religiosa devem ter sido preponderantes para levar homens e mulheres (normalmente, puritanos e *quakers*) às colônias.

O livro descreve desde a chegada dos primeiros colonizadores, como John Calbot, até as primeiras denominações religiosas que se fixaram nos EUA. Entre elas, destaca-se, o *modus* da vida indígena na chegada dos colonos. Era uma variedade de etnias e religiões, a se considerar também a chegada de grupos católicos, metodistas, batistas, *quakers*, e puritanos. Estes últimos, simbolizados pelo *Mayflower*, constituem a ideologia do colono padrão como WASP, isto é, *white, anglo-saxon e protestant*. Logo, no início da colonização, a vida cotidiana era envolvida, sobretudo pelo trabalho, pois, pela ideologia calvinista que impregnava os colonos, ela é graça de Deus. O ócio era considerado pecado. Mesmo com tamanha diversidade de etnias e religiões, a ideologia reformada protestante dava a tônica nas colônias.

A independência americana é marcada pelas guerras que se amontoaram no período que vai do século XVII ao XVIII junto à Inglaterra, França e Espanha. As peijas abrem caminhos para a construção de tratados, dentre os quais se destaca o Tratado de Utrecht. Ele que, foi rentável para as colônias, permitiu o controle da Bahia de Hudson e o controle do comércio de pele. Outro fato interessante, descrito por Karnal, acontece em julho de 1714 na Conferência de Albany quando surge, pela primeira vez, o plano de união das Treze Colônias da Nova Inglaterra, responsável pelo início da luta de independência, e que foi traçado por Benjamin Franklin. Nesse sentido, a segunda reunião de 2 de julho de 1776 no Congresso da Filadélfia decide pela separação da metrópole (Inglaterra) e se forma uma comissão destinada a redigir a Declaração da Independência, que ficou pronta dois dias depois, no dia 4 de julho de 1776. Esta declaração é baseada no pensamento ilustrado, do qual Thomas Jefferson é seu importante nome. A Independência só foi conseguida nas batalhas contra a Inglaterra, e teve o apoio da França, Espanha e Holanda. Segundo Karnal, alguns

nomes devem ser destacados nesse processo de independência do EUA: o fazendeiro e militar George Washington e o intelectual Benjamin Franklin. Este último, mais urbano, defendia ideias de liberdade e a democracia como chamariz da nação.

Também se deve considerar que a independência nos EUA foi influenciada por filósofos iluministas, entre eles John Locke. Inclusive, Locke foi influente a ponto de, na Declaração de Independência, influenciar o direito à rebelião como forma de resistência à tirania. Isto porque, na visão dos colonos, o governo inglês não procurava preservar sua tradição de liberdade e propriedade, mas ao contrário, a metrópole ia contra a vida (como no Massacre de Boston).

Outro conceito importante para a formação dos EUA é o do federalismo. Nele se permite autonomia para cada estado criando, na perspectiva da formação americana, a ideia de república federalista presidencial, como é desde então.

Enfim, com um vasto conhecimento acerca da história da colonização e dos processos históricos que confluíram na formação dessa nação, a obra de Leandro Karnal é um ótimo convite aos países de língua portuguesa para os estudos sobre a História da América, especialmente sobre a História dos EUA. Sobre a questão das metodologias, termos e conceitos, o livro *Estados Unidos: a formação da nação* deve ser encarado como uma reunião simplificada de pesquisas sobre a formação da nação americana. Por isso, se indica que, caso os leitores queiram aprofundar os apontamentos apresentados pelo autor, vale a pena a consulta de obras como *Reverendo o sonho americano: 1890-1972* (1996) e *História da América*, ambos de Marco Antonio Panplona (2011); *História das Américas: novas perspectivas*, de Cecília Azevedo e Ronald Raminelli (2011); e o artigo *Os textos de fundação da América: a memória da crônica e a alteridade*, do próprio Leandro Karnal (2004).

Em todo caso, fica admiração pelo esforço do autor que, mesmo em um texto relativamente pequeno, consegue levantar uma riqueza de detalhes e não deixa de enaltecer questões histórico-metodológicas da disciplina. Por isso, entendemos que ele cumpriu o objetivo de explorar de forma sucinta questões que levaram à formação dos EUA e ao processo de colonização, bem como exauriu o intento de introduzir suas questões de forma geral.

Assim, em termos de historiografia, o autor faz uma aproximação da disciplina de formação da nação e nacionalismo à luz dos conceitos da História

Comparada. Aliás, um dos pontos-chave da obra é a vontade de tratar da formação americana, utilizando a metodologia comparada. Embora o autor não cite diretamente o método, parte do ideal de Marc Bloch quando comparava sociedades de mesma época com conexões claras. Seguindo a sinalização do próprio Bloch, quando diz que a comparação na história deve

estudar paralelamente sociedades vizinhas e contemporâneas, constantemente influenciadas umas pelas outras, sujeitas em seu desenvolvimento, devido a sua proximidade e a sua sincronização, à ação das mesmas grandes causas, e remontando, ao menos parcialmente, a uma origem comum (Bloch, 1928, p.19).

Dessa forma, pelo se percebe na perspectiva de Karnal, busca-se tratar da formação dos EUA tendo em vista relações e similaridades com a brasileira.

Quanto à questão de não fazer referências diretamente à metodologia e às obras, não deve tê-lo feito pela vontade editorial da obra tender à “popularização”. Assim, pensando mais panoramicamente, é de urgência que as editoras se preocupem em produzir livros desse tipo, sendo relevantes ao nicho dos alunos e aos cursos introdutórios de nível superior. Voltamos ao apelo de que haja produção de livros e materiais mais sucintos, que possam assim introduzir o estudo dos discentes às cadeiras científicas de História.

Referências bibliográficas

BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. *Revue de Synthèse Historique*, n. 6, 1928.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

KARNAL, Leandro. Os textos de fundação da América: a memória da crônica e a alteridade. *Ideias*, n. 1, v. 11, Campinas, p. 9-14, 2004.

PANPLONA, Marco Antônio. *Revendo o sonho americano: 1890-1972*. São Paulo: Atual, 1996, 106p.

_____. *História da América*. Rio de Janeiro: PUC-Rio e UERJ, 2011.

Recebido em 05/03/2013, aceito para publicação em 30/05/2013.